

# MANUEL ANTÓNIO PINA, UM POETA ENTRE A VIDA E A MORTE DA LITERATURA

## MANUEL ANTÓNIO PINA, A POET BETWEEN THE LIFE AND DEATH OF LITERATURE

*Danilo Mataveli<sup>1</sup>*

---

*O coração pronto para o roubo* é uma antologia de poemas de Manuel António Pina, lançada em 2018 pela editora 34 e organizada pelo poeta, professor e pesquisador Leonardo Gandolfi. Na Antologia, encontramos um poeta que não para de refletir sobre as palavras e sobre a nossa relação com a linguagem, o que implica uma reflexão permanente a respeito das próprias possibilidades do trabalho poético. No poema “Ludwig W. em 1951”, um monólogo dramático, o protagonista constata a insuficiência das palavras tanto para a compreensão quanto para a expressão da realidade e do mundo em que vivemos. “[...]/ As palavras não chegam,/ a palavra *azul* não chega,/ a palavra *dor* não chega./ [...]” (Pina, 2018, p. 93). Contudo, é na sua insuficiência que elas permitem criar, sentir, amar, saber e não saber. Apesar de insuficientes, elas são absolutamente necessárias, pois “[...] até o silêncio,” escreve Pina, “se é possível o silêncio,/ havemos de, penosamente, com as nossas palavras construí-lo.// [...]” (Idem, *ibidem*). Mas se, por um lado, as palavras são insuficientes, por outro, elas se tornam excessivas; e o protagonista do monólogo questiona: “[...]/ Como falaremos com tantas palavras? Com que palavras e sem que palavras?// [...]” (Idem, *ibidem*).

Em outro poema, “Tanta terra”, o excesso de palavras se dá na forma da acumulação: “[...]/ tantas palavras sob tantas palavras./ [...]” (Idem, *ibidem*, p. 95). Assim, insuficientes e excessivas, as palavras manifestam um caráter essencialmente paradoxal, o que também se revela nas relações que Pina estabelece entre as palavras e o silêncio. No poema “Os tempos não” vemos uma relação que é, ao mesmo tempo, uma disputa por espaço e uma

relação constitutiva de ambas as partes. “As palavras esmagam-se entre o silêncio/ que as cerca e o silêncio que transportam.// [...]” (Idem, ibidem, p. 15); esse espaço de disputa é justamente aquilo que garante a sobrevivência das palavras; elas resistem ao silêncio ao mesmo tempo em que lhe servem de veículo. Nesse lugar ambivalente e intermediário, a linguagem só pode ser compreendida como resultado de uma condição paradoxal.

Em “Já não é possível”, Pina escreve: “[...]// Já não é possível dizer mais nada/ mas também não é possível ficar calado./ [...]” (Idem, ibidem, p. 16). Nesse contexto, o poema se mostra como a manifestação de uma dupla impossibilidade: “[...]// Eis o verdadeiro rosto do poema./ Assim seja feito, a mais e a menos.” (Idem, ibidem). Essa reflexão metalinguística leva à conclusão de que as palavras não são a matéria prima da poesia, mas, sim, a impossibilidade.

Em “Palavras não”, Pina constata: “Palavras não me faltam (quem diria o quê?)/ faltas-me tu poesia cheia de truques./ [...]” (Idem, ibidem, p. 17). Existe uma tensão entre o poeta e a poesia, um jogo de desencontros e fugas, mas, se a poesia se volta contra o poeta, ou a criatura se volta contra o criador, o oposto também acontece. Em “Nenhuma coisa”, Pina esboça um caráter destrutivo em relação à sua pesquisa e à sua elaboração poética: [...] O meu trabalho/ é destruir, aos poucos, tudo o que me lembra./ Reflexão e, ao mesmo tempo, exercício mortal./ [...]” (Idem, ibidem, p. 18). Como o objetivo do caráter destrutivo é abrir espaço (Benjamin, 2015, p. 97), em “A poesia vai”, Pina decreta o fim da poesia: “A poesia vai acabar, os poetas/ vão ser colocados em lugares mais úteis./ [...]” (Pina, 2018, p. 21). Mas é em “Aquele que quer morrer” que o autor cria um poema emblemático, no qual o caráter destrutivo das vanguardas do século XX aparece como fator estético e como posicionamento político:

(Introduzir o caos na ordem poética dominante;)  
A tomada de poder passa pelo roubo,  
passa pela própria perda e pela de tudo.

Aquele que anuncia a Tempestade  
dança, caminhando para o seu fim;  
também ele desaparecerá sob a  
grande Tempestade comunista de tudo.

.....  
.....  
.....  
..... (Idem, ibidem, p. 26)

Em tom de manifesto, “Aquele que quer morrer” expõe a violência revolucionária e ideológica com que o sujeito poético pensa as transformações sociais. O caráter destrutivo, aqui, se dá de tal modo que, na última estrofe do poema, o próprio discurso se destrói e dá lugar a versos de silêncio. Em

“Transforma-se a coisa estrita no escritor”, Pina escreve: “[...]// Aquele que quer saber/ tem o coração pronto para o/ roubo e para a violência/ e a alma pronta para o esquecimento.” (Idem, *ibidem*, p. 28).

Vale a pena ressaltar a importância que Pina dá ao conceito de roubo em sua maneira de compreender a literatura. Segundo o poeta, ela é “[...] uma arte/ obscura de ladrões que roubam a ladrões.// [...]” (Idem, *ibidem*, p. 123), teoria que se concretiza no procedimento de corte e colagem de versos, às vezes, ligeiramente modificados. No posfácio que escreve para a coletânea, Leonardo Gandolfi comenta o procedimento:

Se fizermos uma busca rápida por referências mais ou menos identificadas nos versos desta antologia, encontraremos muitos livros abertos: Mallarmé (“a carne é triste, hélas!, e eu já li tudo”) em “Nenhuma coisa”; Sá de Miranda (“O sol é grande, caem co’a calma as aves” transforma-se em “Caem co’a calma as palavras”) em “Quinquagésimo ano”; Eliot (o início de “The Love Song of J. Alfred Prufrock”: “Vamos então os dois outra vez”) em “Farewell happy fields”; já em “Tanta terra” encontramos Rilke. Sem falar em páginas com Akhmátova, Borges, Pound, Bob Dylan, Lao-Tsé, etc. (Gandolfi, 2018, p. 152-153)

Embora sejam contundentes, esses momentos de violência, roubo, destruição e esquecimento são mais um jogo autorreferencial do que um movimento de profanação da literatura e da arte. Ao ensaiar a impossibilidade, a violência, o roubo, a destruição e o esquecimento, Pina parece reconhecer os abalos e a falência das noções tradicionais de literatura no século XX. Entretanto, esse reconhecimento não orienta o poeta a um movimento para além da literatura, como nos casos emblemáticos dos dadaístas e surrealistas, que fundaram, a partir dele, uma política poética e uma vida literária (Benjamin, 1987). Pina, ao contrário, olha para os escombros da poesia e decide voltar, como quem abre uma porta, vê o que existe do outro lado, mas prefere não atravessá-la. Desta ação controversa, que uns podem ler como um gesto de resistência e outros como um traço de conservadorismo estético, Manuel António Pina faz a sua “Arte poética”:

Vai pois, poema, procura  
a voz literal  
que desocultamente fala  
sob tanta literatura.

Se a escutares, porém, tapa os ouvidos,  
porque pela primeira vez estás sozinho.  
Regressa então, se puderes, pelo caminho  
das interpretações e dos sentidos.

Mas não olhes para trás, não olhes para trás,  
ou jamais te perderás;  
e teu canto, insensato, será feito  
só de melancolia e de despeito.

E de discórdia. E todavia  
sob tanto passado insepulto  
o que encontraste senão tumulto,  
senão de novo ressentimento e ironia? (Pina, 2018, p. 121)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Imagens do pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Trad. João Barrento. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, vol. 1*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GANDOLFI, Leonardo. “Posfácio”. *O coração pronto para o roubo: poemas escolhidos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

PINA, Manuel António. *O coração pronto para o roubo: poemas escolhidos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

*Recebido para avaliação em 17/09/19*  
*Aprovado para publicação em 01/02/20*

## NOTA

1 Licenciado em Letras: Português-Literaturas (UFRJ), mestre em Teoria Literária (UFRJ) e doutorando em Teoria Literária (UFRJ). Desde 2017 atua como coordenador adjunto do Núcleo Poesia do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), localizado na Faculdade de Letras da UFRJ. Publicou, entre outros, os artigos “Poesia & Antipoesia” (Revista Garrafa), “A pesquisa poética em ‘Subitamente vamos pela rua’, de Luiza Neto Jorge (Revista Odara) e “Sessão, de Roy David Frankel” (Revista eLyra).